

TRIVIAL VARIADO

RUBEM BRAGA

Os cajus de Sergipe

13.1.65

Eu também poderia escrever um livro com o título desse do Sr. Seixas Dória: *Eu, Réu Inocente*. E precisamente sobre minhas incursões pela política sergipana. A coisa é que, para ser solidário com o velho companheiro de guerra Joel Silveira, fiz há anos uma perigosa visita ao Sergipe em companhia de um candidato a governador derrotado. Passamos debaixo da mira das metralhadoras oficiais em carro aberto, na companhia algo surrealista do escultor Alfredo Ceschiatti — que também não tinha nada a ver com o peixe.

Para que ninguém atrasasse em nós um locutor berrava no alto-falante nossos nomes. — “os dois maiores jornalistas do Brasil, heróis da FEB!” — e “o maior artista da escultura brasileira!” Essa violenta afirmação de prestígio federal era para inibir no gatilho os dedos dos *macacos da oligarquia estadual*, para usar expressões de nosso acompanhante, digo, acompanhado. O fato é que conseguimos chegar relativamente vivos a um grande baile oposicionista que, por medida de precaução, contava com gerador próprio (a luz do *governo* realmente foi cortada pela meia-noite) e algumas

dezenas de jagunços armados, debaixo das árvores, em volta da casa.

Para mostrar minha imparcialidade de repórter consegui, através de um amigo comum, que o Governador concordasse em me receber para uma entrevista; mas, quando entrava em Palácio com esse amigo, fomos advertidos de que “o pessoal” não se conformava com aquilo: o Governador acedera em me receber porque era bonzinho, mas seus amigos tinham certeza de que, quando chegasse ao Rio, eu iria “fazer caçada” do Governo e, assim, não me deixariam sair vivo do Palácio. Por outro lado, gente da oposição, vendo-me em companhia daquele amigo do Governador, também murmurava ameaças a meu respeito...

Isso me desgostou um pouco da política sergipana, e passei a adotar um critério realista: o que me interessa em Sergipe não são os políticos, são os cajus; estarei com o político que me mandar melhores cajus!

Ganhei algumas cestas, via aérea, mas também aí houve intrigas, e acabei sem caju. Interpelei certa vez o Sr. Leandro Maciel, um de meus melhores fornecedores, mas ele me deu uma desculpa esfarrapada e nunca mais me mandou caju.

Não chorei quando ele perdeu a eleição seguinte.

Durante todo o tempo em que estive no Governo o Sr. Seixas Dória também não me mandou um só caju. Calu, naturalmente. Vieram pedir-me para escrever algo em sua defesa, pois estava preso. Neguei-me: a causa era muito simpática, realmente — mas, sem caju, nada feito. Seus amigos alegaram que ainda não era verão. Que eu podia escrever: os cajus viriam...

Escrevi. Deu sorte: o homem foi solto. Ontem um amigo seu me trouxe cajus de Sergipe. São fantásticos em comparação com esses que a gente encontra no Rio, mas ridículos em comparação com os cajus de antigamente. Não muito grandes, não amadurecidos por igual, com a cica travando um pouco demais. Eu já havia chupado uns quatro ou cinco quando um deputado e armador de navios, amigo do Seixas Dória, me telefonou:

— Os cajus estão bons?

— Ótimos. Mas no tempo do Leandro...

— Houve um silêncio, um constrangimento:

— Bem, é verdade. Mas você sabe, este é o primeiro verão da Revolução. A florada foi ruim. Tive de atolar meu jipe numa estrada horrível para ir ao sítio de um amigo, léguas longe de

Aracaju, arrumar esses cajus. Se o Seixas estivesse no Governo...

Ponderei que quando o Seixas estava no Governo eu não vi a cor de seus cajus, não sei se eram vermelhos ou amarelos. De qualquer maneira, como sou um homem excessivamente bem educado, agradei.

Sergipe, este ano, tem um verão sem caju. Deve ser castigo do céu. Cajus bons, dos grandes, dos doces, dos gostosos, deve estar dando é no Ceará, terra de sorte...

Êsses jornais

Armando Nogueira e Haroldo de Holanda contaram essa conversa em sua *Ordem do Dia* da TV Rio. O Governador Carlos Lacerda dizia ao Presidente Castelo Branco:

— Agüentar esses ataques da imprensa é mesmo duro. Confesso que fico uma fera quando leio o *Correio da Manhã*. Só não perco mesmo a paciência porque me lembro que já fui jornalista da oposição.

E o Presidente:

— É mesmo. E eu, que nunca fui jornalista, o senhor não pode imaginar o esforço que tenho de fazer para não perder a paciência quando leio a *Tribuna da Imprensa*.